

Biblos

Ivan Hegen¹

Biblos, biblioteca. Silêncio, por favor. Nada de cortejar as meninas, aqui é um lugar de respeito. Afinal, você veio pra estudar, teu interesse aqui são os fenícios. Que fundaram Biblos, fornecedora de papiro, uma das cidades mais antigas do mundo. Você tava gostando do assunto, então para de olhar pras coxas da menina. Eu sei que a concorrência é injusta, o corpo dela é muito melhor do que a terra dos papiros. Mas você tem prazo, rapaz, você tem mais de vinte mil caracteres pra entregar até segunda-feira. A intimidade que interessa agora é com os fenícios, compreendê-los como se fosse um deles, como se fossem teus primos. E são mesmo teus primos, esse teu narigão judeu não engana ninguém. Você é do tipo semítico, como nossos colegas aqui. O narigão, meu amigo, não é pra chegar no cangote dela e aspirar o perfume – ah, meu senhor, tô ficando doido – não é pra

¹ Ivan Hegen nasceu em 1980, em São Paulo. Formou-se em Artes Plásticas pela ECA- USP e atualmente trabalha com traduções. Publicou *A Grande Incógnita* (Annablume, 2005), *Será* (Ragnarok, 2007), *Puro Enquanto* (Annablume, 2009, com bolsa do ProAc). No momento, escreve *A lâmina que fere Cronos*, contemplado pelo Programa Petrobras Cultural.

afundar nos cabelos dela, que parecem tão macios. É pra colocar no meio desse livro. Mas não é justo... Por que ela tem que vir com uma saia curta dessas e deixar as pernas à vista? E a blusinha com os ombros de fora? De quando em quando a alça desliza pra baixo, e ela, bem suave, puxa de volta pra cima. Como é que eu posso me concentrar no trabalho, diante de uma cena dessas? Acho que vou ligar pro meu chefe, ele é homem, ele vai entender. Se eu pegar o celular e filmar dez segundinhos dessa beleza, se eu mostrar pra ele a gravidade da situação, ele vai entender. Mas... ah, eu tô perdendo o controle. Não é permitido sequer deixar o celular ligado, quanto mais registrar as coxas alheias. Guarda já isso na calça. O celular.

Que livro será que ela tá lendo? Daqui eu não consigo ver. Mal consigo ver o rosto dela. Não consigo ver mais que um quarto do rosto dela. A orelha bem feitinha, com um brinco discreto de brilhante, os cabelos amarrados em coque só pra ofertarem a nuca. Que vontade de cravar os lábios nessa nuca, arrepiar todos os pelinhos dela... A Fenícia tá longe, não existe mais, o que persiste é esse corpo fantástico na minha frente, e o meu sangue quente dilatando as veias. Com todo o respeito aos inventores do alfabeto, com toda a admiração pelos aventureiros que singravam os mares de norte a sul, que acariciavam a curva do globo terrestre, eu tenho minhas próprias expedições a fazer. Mas como? Mesmo que eu não me feche em Biblos, ainda tô na biblioteca. Não posso agir como se aqui fosse um boteco, puxar conversa à toa. Ela parece concentrada, também deve ter suas tarefas. Nunca vi mulher tão sensual numa sala de leitura, ela parece mesmo inteligente. É isso o que a torna ainda mais fascinante. Ela parece ter cabeça, ao contrário das meninas bobinhas que encontro pelos bares. Talvez dê pra conversar com

ela sobre História, Literatura, Filosofia. O corpo fala, mas também a mente precisa de trocas, precisa de paixão. Ah, ela tá virando o rosto! Pena que tão rápido. Ela vira por dois segundos, anota alguma coisa no caderno, depois vira de volta. Eu queria olhar o rosto inteiro, não só o perfil. Dá pra ver o nariz dela. Já digo que não é judia, tem um nariz delicado. Ah, os lábios! Pequeninos mas carnudos, voluptuosos. Eu queria poder ver os olhos de perto, ainda não pude. Só de relance, na hora em que eu cheguei.

Peguei o livro sobre os fenícios na estante e fui pra sala de leitura. Foi como se alguma coisa tivesse se disparado em mim, assim que vi a garota. Tão compenetrada e tão sexy. Eu caminhava silencioso, como pede o aviso na porta, mas ela olhou pra mim, e eu reparei. Eu olhei pra ela com tanta excitação que ela deve ter sentido cócegas. Tivesse cutucado ela com o dedo pelas costas, nem assim daria mais cócegas do que meu olhar. Ela sentiu minha presença, minha palpitação, quis conferir de onde vinha. E eu não posso estar delirando, ela gostou do que viu. Apesar do narigão semítico, apesar das roupas desleixadas e do cabelo desgrenhado, ela viu um homem. Em um milésimo de segundo, apenas com os olhos, comunicamos algo que nenhum livro dos milhares dessas prateleiras jamais conseguiu transpor em palavras. Nem os livros de química, nem os de biologia, nem poeta algum de qualquer tempo pôde representar a faísca invisível que inflama um homem e uma mulher.

Mas que fazer com esse fogo? Vamos dizer que ela tenha mesmo gostado de mim, vamos dizer que ela revire devagarzinho o pescoço justamente pra me provocar – ah, meu deus! – e que a essa altura ela queira saber de mim. Vamos dizer, ela tá mais interessada em mim do que no prazo do professor ou do chefe. E então? Mesmo que ela esteja receptiva, preciso pensar

em algo, não dá pra puxar uma cadeira e pedir um chope. Aqui é uma biblioteca. Se fosse Biblos, talvez fosse mais fácil. Se ela cultuasse Aschera... Pouca gente sabe, quem levou Afrodite para os gregos foram os fenícios. Aliás, acho que vai ser este o foco do meu artigo, posso gastar vinte mil caracteres ou até mais somente nisso. Defendendo que a maior contribuição dos fenícios não foi o alfabeto, mas a introdução de Afrodite no panteão. Meus primos semitas ensinaram os pagãos a serem libidinosos, e vocês vão me falar em alfabeto? Mais cedo ou mais tarde alguém chegaria ao alfabeto fonético, os próprios gregos estavam caminhando nessa direção. Mas Afrodite, não, isso eles ainda não tinham, eles aprenderam com os fenícios. Foi em Biblos que eles se depararam com a defloração de virgens nos templos, com a sacralização do sexo, com a entrega dos corpos numa perfeita harmonia da natureza com a cultura. É claro que os gregos souberam apreciar o que viram, e logo adotaram a deusa que tanto os inspiraria. Em nome dela celebraram grandes festivais com banhos no mar, poesia, vinho, e, como não podia deixar de faltar, as orgias. Pensando nisso é que eu não tenho lá tanto orgulho de ter feito Bar Mitzvah, ou da minha circuncisão. Moisés fez questão de nos legar um deus ciumento e imperioso, só pra esfriar a festa. Ele não podia deixar o monoteísmo morrer com Akhenaton, podia? Não, ele teve que levar adiante o delírio de um faraó, cruzar o deserto e o Mar Vermelho pra que um punhado de escravos acreditasse que deus exige do povo eleito centenas de regras bem marcadas. Eleito ou não, esse povo prospera, se multiplica, resiste às mais diversas intempéries, mas nunca dá a devida atenção ao que acontece bem pertinho de Israel, ali no Líbano, em Biblos. Se os gregos perceberam o quanto era bom, por que não os hebreus, tão próximos na geografia e no sangue? Será que essa conversa

cola com a *shikse*? Ela parece gostar de sexo, não é das que vão pros livros em busca de sublimação asséptica. A gente pode ter uma conversa sofisticada, em tese estaríamos falando de História, que afinal é o que eu estudo, mas nas entrelinhas um estaria seduzindo o outro, Aschera-Afrodite nos abençoando. Ela gosta de sexo, ela me viu e percebeu o quanto eu também gosto. De quando em quando ela ondula os ombros, ela faz isso porque sabe que estou a poucos metros, com a atenção toda nela, e ela sabe o quão caloroso seríamos nós dois juntos.

Espera aí. “Quão”?... Uma pessoa que usa a palavra “quão” não tem chance com mulheres bonitas, nem essa aí nem nenhuma outra. Não importa se ela faz mestrado, nenhuma mulher pode ouvir “quão” sem segurar a vontade de rir. Será que eu não estava confiante demais? E se ela quiser só me provocar, só me deixar louco de tesão e arruinar meu trabalho? Histeria. Talvez ela tenha sentido que eu me perturbo com qualquer meneio no pescoço, deve estar se divertindo muito com as tantalizações. Ah, senhor, parece até que ela lê meus pensamentos! Levantou pra ir ao banheiro, tudo bem, é direito de qualquer um, mas exibindo uma bunda como essa no caminho, deveria ser contra o regulamento. De que adianta um cartaz pedindo silêncio se uma bunda dessa é mais escandalosa do que um estéreo ligado no último volume? Que mulher incrível.

Agora que ela tá longe... e se eu der uma espiada no livro que ela tá lendo? Discretamente? Ou seria agir como um tarado, um descontrolado? Bem discreto, você levanta e vai ao banheiro, no caminho estica os olhos e vê a capa. Vamos lá, não é perversão, é curiosidade. Ninguém tá prestando atenção. Só podia ser. Isso explica tudo. “Amor e erotismo” de Octavio Paz. Não é à toa que ela tá transbordando sexualidade. Eu lendo sobre o culto

a Aschera, ela lendo a dupla chama, ainda vamos causar um incêndio. É melhor eu jogar um pouco d'água no rosto, eu tô trêmulo. Agora é que eu tô perdido, ela se tornou ainda mais atraente do que antes. Abre bem a torneira, respira fundo. Esse barulho lá fora, acho que é chuva. Na sala de leitura não dá pra ouvir, mas tá caindo uma tempestade. Assim, esfria a cabeça. E quanto ao narigudo aí no espelho, o que acha dele? Tem charme? Espero que tenha o bastante. Pensando bem, até que não sou tão feio. Um tapinha no rosto, pra acordar? Pronto, agora você pode voltar. E se eu encontrar com ela no corredor, de pé, o que eu falo? Esbarro nela e peço desculpa? Não, isso é ridículo, não é estratégia de homem. Pergunto pra ela onde é a seção de poesia? Não seria muito forçado? Mas ela não tá mais de pé, já voltou pra mesa dela e pro Octavio Paz. O rosto dela, quero ver com mais calma. Não posso olhar muito diretamente, não quero parecer um glutão, tem que ser de esguelha. Vamos manter um mínimo de postura, certo? Fingindo que não vê. Ah, ela é linda. Os olhos amendoados, o rosto com traços suaves, o nariz levemente arrebitado. É linda.

Ela olhou pra mim! Tenho certeza, ela olhou, tá flertando comigo. Eu não tô sozinho nesse jogo, ela está adorando ser vista por mim, ela tá adorando ser devorada pelos meus olhos. Mas ainda é cedo pra falar com ela. O olho chamando, mas o corpo precisa esperar. Preciso de um plano. Em primeiro lugar, devo continuar com o livro na mão, devo parecer concentrado mais no estudo do que nela. Ela não pode perceber que tem tanto poder, se ela souber disso eu tô fora de jogo. Eu deveria, de qualquer jeito, ler um pouco mais, aprender com meus ancestrais semitas. Os fenícios, hoje quero ser mais fenício do que hebreu. Os fenícios, que se expandiam por todo o Mediterrâneo, que iam das geleiras

do Báltico ao calor da África, que traziam ouro espanhol e vendiam tecidos púrpura. Que criaram transparência para o vidro, que construíram o primeiro canal de Suez, que venciam batalhas navais contra os gregos. Talvez eu devesse me inspirar mais no Aníbal, ser como ele contra os romanos. A garota, ela parece ter ascendência italiana. As batalhas em pleno curso, como me estabeleço em território romano? Aníbal foi brilhante, só não subjuguou os romanos por muito pouco. Ele cruzou a geleira dos Alpes, surpreendendo os adversários. Atacava pelos flancos, e com tanta habilidade que os italianos tiveram que aceitar sua presença. Por anos e anos ele cruzava pelo país, só não chegou a Roma porque seus aliados falharam. Qual a estratégia? Por ora, devo olhar com um olho só, de esquelha. Como Aníbal, que nem mesmo ao ficar caolho perdeu a ousadia. Ah, ela se levantou, acho que pra jogar um chiclete no cesto. Ou pra me mostrar melhor o corpo, que ela sabe o quanto é bonito. Mas devo ser paciente, esperar o momento certo. Vou redimir Aníbal e conquistar Roma.

Lá fora, acho que ainda tá chovendo. Em pouco tempo, a biblioteca vai fechar. É isso, eu tenho uma chance. A biblioteca fecha, a chuva continua. Ofereço uma carona pra ela. Não como um tarado qualquer, embora talvez eu seja, mas como um cavalheiro que não quer que ela se molhe. É uma boa tática, talvez funcione. Eu mal percebi que horas são, tá quase na hora. A qualquer momento eles vêm nos mandar embora. Eu quero mais é sair daqui, não aguento mais ficar quieto, parado. Não paro de mexer a perna, essa ansiedade acabando comigo. Quando é que vão vir nos enxotar? Ótimo, o bibliotecário. Vem pedir pra recolhermos nossas coisas e dar o fora. Ela se levanta, toda graciosa. Levanto-me também. Não acredito, os cadernos dela, deixou cair no chão. De propósito?

– Quer ajuda? Você tá com essa pilha enorme de livros.

– Não, obrigada, eu me viro.

Ela sorriu. Ela não tá agindo como romana inatingível, ela tá sorrindo.

– Octavio Paz? – finjo só perceber agora – Parece bom, esse livro eu não li.

– É ótimo. Ele fala sobre amor e erotismo desde a antiguidade até nossos dias.

– Ele fala sobre os fenícios?

– Dos fenícios acho que não. Mas fala muito dos gregos e dos romanos.

– Os fenícios ensinaram mais coisas pros gregos do que você imagina – falo com um orgulho idiota, como se eu fosse um representante daquele povo esquecido. Eu mal penso no que falo, qualquer coisa sobre minha pesquisa enquanto descemos as escadas. Devo estar sendo um pouco idiota, arrogante, ou simplesmente babaca. Ou não? Que surpresa: ela, bonita como uma miss, parece se interessar pela minha conversa. Por que é que são tão poucas as mulheres bonitas e inteligentes? Fico bobo quando encontro uma, é uma raridade. Mal contenho minha satisfação ao notar que ainda tá chovendo. Estamos à porta, abro o guarda-chuva e pergunto se ela precisa de carona. É meu dia de sorte, ela aceita.

Dou a partida no carro. Começo a gostar seriamente da Priscila, não sei se eu deveria. Rápido demais, não sei se é bom. E a aliança no dedo, não pude deixar de notar. Não quero perguntar sobre isso, não é bom fazê-la lembrar do noivo. Será que ela vai contar pra ele que pegou carona com um estranho? E será que ela

vai pensar nesse estranho da próxima vez que encontrar o noivo? Ela cursa Letras, tá preparando um relatório sobre o livro do Paz. Um perigo, uma mulher interessante desse jeito.

– Você quer dizer então que em vez de Biblos, o ocidente preferiu a Bíblia? – ela diz, e ainda provoca: – Eu acho que tenho uma cabeça muito bíblica.

E agora? O que ela quer dizer com isso? Não é a conversa mais inocente pra se ter com um desconhecido. Ela quis dizer que tem cabeça “bíblica”, é um trocadilho? Sentido cristão ou pagão? Antes que eu consiga perguntar, ela já emenda:

– O Octavio Paz fala que o erotismo é exclusividade humana. Sexo, todos os animais fazem da mesma forma, é sempre igual. O homem, não, a gente reinventa, faz poesia com o corpo.

Tô ficando bobo, não sei o que me acontece. De repente, uma vontade de saber mais de poesia, de ter o talento de um poeta, improvisar versos. Em vez disso, digo apenas:

– Agora, pra onde? Esquerda?

– Não, vai reto, vira depois. Segue a avenida, depois do posto você vira. Então, como eu tava falando, o erotismo não é só instinto, é sede pela alteridade, entende?

Digo que entendo.

– Isso que você falou da Afrodite... A alteridade maior do homem só pode ser a de um deus, é a alteridade absoluta. Fazia todo sentido, então, os antigos associando sexo com devoção.

Preciso muito ler esse livro. Preciso também dizer algo inteligente:

– Concordo com você, com a exceção da tradição judaica-cristã, que separa corpo e alma. E do platonismo.

Ela se anima, faiscando os olhos de amêndoa:

– Octavio Paz considera Platão o primeiro filósofo do amor. Foi o primeiro que separou o erotismo da religião. Ele influenciou os primeiros cristãos. É por isso que dois mil anos depois as duas coisas continuam separadas.

– Religião e erotismo separados. Nada de rituais orgiásticos, nada de Aschera ou Afrodite. Uma pena, os antigos é que sabiam viver.

– Não sei, não... Os gregos não entendiam o que hoje nós chamamos de amor.

– E alguma vez alguém entendeu?

– É verdade, ninguém entende, né?

– Talvez os poetas – meio canastrão, mas foi o que me passou pela cabeça. Tudo bem, não tô indo mal. Ela é linda e inteligente e ela sorriu:

– Eu quis dizer a alteridade. A cultura grega não via o objeto do desejo com alteridade, com atenção para o outro. Podiam ter essa experiência com Afrodite, com uma divindade, mas muito raramente com uma pessoa.

Eu tenho que olhar pra frente pra dirigir. Gostaria de mirar nos olhos dela. Pelo retrovisor, muito rapidamente, vejo apenas um pedaço recortado da testa. O movimento que ela faz com a cabeça é pra baixo e pra esquerda. Ela tá olhando pro anel. De repente, sua voz está contida, quase sorumbática:

– Você deve estar me achando uma chata, eu fico com essas conversas de faculdade...

– Que nada, tô aprendendo contigo.

– É, mas...

Ela tá sem jeito. Continua olhando pro anel de noivado. Das duas, uma: ou ela tá recuando, porque não quer cair em tentação e trair o noivo, ou ela tem se decepcionado com ele.

Espero que seja a segunda. Ele, um idiota qualquer, um cara que não tem o menor interesse pelas coisas que ela estuda. Ela tá tímida, a cabeça baixa.

– Priscila, você ficou quieta de repente...

– Imagina, eu só me perdi, esqueci o que eu tava falando...

– Você disse que os gregos não entendiam o que nós chamamos de amor.

– Ah, é isso!

– E quando é que se começa a ver o amor do jeito que vemos hoje?

– Por volta do século III antes de Cristo.

Vício de historiador, já associo com o que eu estava estudando. III a. C., época das Guerras Púnicas. Época de Aníbal.

– III a. C. Onde, exatamente?

– Na Alexandria... e em Roma.

Paro o carro. Agora é demais, estão mexendo com o sangue do semita aqui. Dessa vez, tem que acontecer, é muita provocação. Perna na mão, a coxa, lisinha, estremece. Aspiro o perfume do pescoço, mais doce do que eu pensava. E os lábios, os lábios que parecem frutas maduras, que eu queria tanto colher. Dessa vez, o fenício chega a Roma. Não sei se em guerra ou em missão de paz.

Eu sempre achei o morango uma fruta mais erótica do que a maçã. A árvore do pecado pode ser a macieira, frondosa, de copa larga e carregada. Mas, na cama, pouco se pode fazer com uma maçã, ao passo que um morango pode servir muito bem pra quem tem imaginação e se detém nas carícias. Vermelho por fora,

carnoso por dentro, o suco tão ácido quanto doce. Olho pra Priscila, adormecida ao meu lado. Não quero pensar em seu noivo, muito menos que ele costuma se deitar na cama em que estou. Mas me lembro com gosto do corpo da Priscila se arqueando, dos focos róseos de seu corpo despontando na pele branca. Ela jogava com os cabelos, inclinava o corpo, frenética. Entendo o que ela disse: foi poesia o que ela fez com o corpo, uma dança, um ritual. Não pra Aschera, mas em nossa própria homenagem. Deleite que conjuga corpo e alma. Tô ficando bobo, foi só uma trepada. Eu aqui com pensamentos românticos, com pieguices. O que tá acontecendo? Ela é linda, ela é minha. Não sei se é minha. Não fosse Biblos, e mais que Biblos, a biblioteca, eu não a teria conhecido. A História e as pequenas histórias. Sei que não trocaria este momento pela vida toda de Aníbal, que venceu batalhas grandiosas mas não conquistou Roma. Nem pela de Moisés, que salvou um povo da escravidão mas não chegou à Terra Prometida. Mesmo que não haja um lugar destacado pra mim na História, hoje me sinto realizado. Como se começasse uma estranha e nova fé, como se uma longa guerra terminasse. Devo estar delirando, amanhã vai ser um dia como outro qualquer.

Engulo um último morango que jazia perto do travesseiro. O gosto é bom. Espero que Priscila acorde logo. Precisamos de mais morangos.